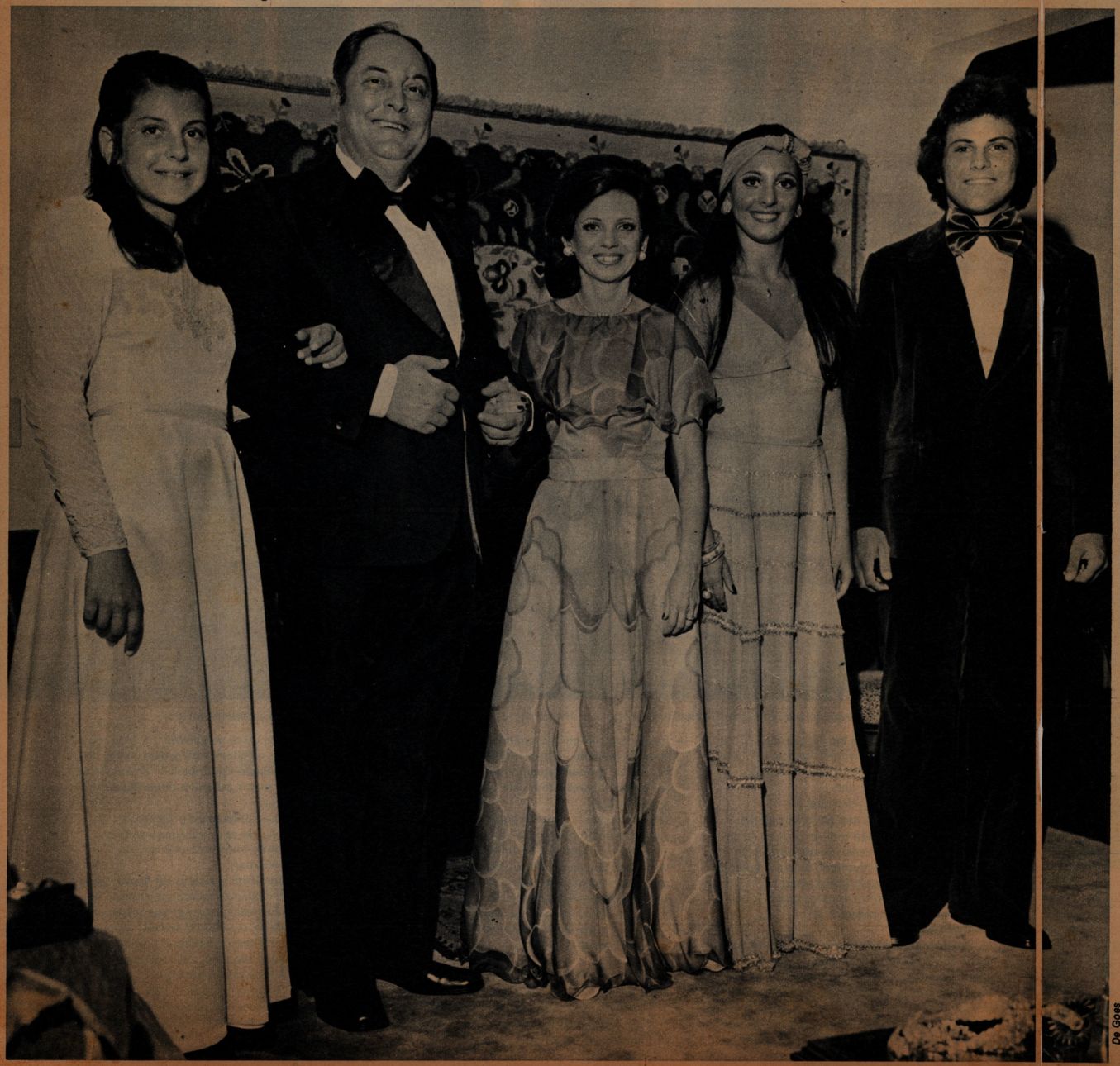
CMP 1.2.6.24

Engenheiro interessado em problemas de energia hidrelétrica e nuclear, ele chegou ao governo de Minas após uma carreira fulminante. Sem jamais esquecer o povo

AURELIANO CHAVES

O segundo homem da República

Reportagem de Otacílio Lage



Da Goes

Uma família feliz *mora no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte: Governador Aureliano Chaves e sua mulher, D. Vivi, com seus filhos Maria Guiomar, Maria Cecília e Antônio Aureliano. Para não pensar em política, o governador mineiro se refugia em sua fazenda em Três Pontas e vira um simples trabalhador.*

Estado de Minas

O Governador Aureliano Chaves de Mendonça, 49 anos no dia 13 de janeiro, foi além do que esperava, quando o Deputado Francelino Pereira, presidente nacional da Arena, comunicou em Brasília sua escolha para vice-presidente da República do General Figueiredo. Poucos dias antes, quando seu nome ainda pairava no ar, ele declarava que ser governador de Minas Gerais era cargo que sempre perseguira, ao longo de sua fulminante carreira política. E confirma que vai continuar como simples governador até setembro, quando seu nome for oficialmente aprovado na Convenção da Arena. Isto é, vai continuar uma rotina fatigante. Em seus dois anos e dez meses de governo, Aureliano Chaves realizou 250 viagens aéreas e concedeu 21 mil despachos e audiência no Palácio das Mangabeiras, ou nas prefeituras de municípios mineiros que visitou. E essa rotina incluiu levantar-se todos os dias às 6h30min da manhã e praticar meia hora de halterofilismo, para manter-se em forma. E também transitar entre o palácio residencial das Mangabeiras e o de despachos — o da Liberdade — sem qualquer aparência ostentosa, com apenas um carro à frente, com dois guardas de segurança. São hábitos mineiros, refinados por vinte anos de vida política, começados como deputado udenista na assembléia mineira, levado pela mão de Bilac Pinto. No governo de Magalhães Pinto ele ocupou, sucessivamente, os cargos de Secretário da Educação e de Secretário de Viação e Obras Públicas. Duas vezes eleito deputado federal — em 1966 e 1970, duas vezes o General Geisel o escolheu para postos de capital importância: governador de Minas e agora vice-presidente da República. Não há dúvida de que ele é um dos preferidos do atual presidente.

Aureliano Chaves nasceu em Três Pontas, filho do professor José Vieira de Mendonça e de Dona Luzia Chaves de Mendonça. Em 1953, formou-se em engenharia pela Escola de Engenharia de Itajubá. Lá, e depois na PUC de Minas Gerais, exerceu o professorado. Ele foi sempre engenheiro, apesar de sua intensa vida parlamentar e administrativa. Na Câmara Federal, suas principais atividades foram no campo das questões da poluição ambiental e particularmente nos terrenos da energia hidrelétrica e nuclear. Foi seu parecer sobre o artigo 54 da Lei 2.004 que permitiu a criação da Braspetro. Em sua gestão como presidente da Comissão Mista saíram as normas para a utilização da energia de Itaipu. Em seus muitos trabalhos publicados há um interesse visível para questões do petróleo, da economia e da tecnologia em geral.

NÃO é fácil penetrar no cotidiano de um político, principalmente quando ele é mineiro e está às vésperas de ter sua candidatura para vice-presidente da República homologada. Os dados sobre o comportamento íntimo do governador não são muitos, mas coincidem. Casado com Dona Vivi Chaves de Mendonça, Aureliano tem três filhos: Maria Guiomar, Antônio Aureliano e Maria Cecília. Dona Vivi descreve o marido: "Ele é carinhoso, enérgico e atualizado com o mundo. Não procura apagar as características positivas que os filhos têm. Acha que eles devem evoluir, participando de uma sociedade que está em constante evolução. Aureliano é um homem simples; procura ser um autêntico mineiro; reservado e realista, sem paixões ou parcialidades. Tem as características dos capricornianos: seleciona os amigos e não faz elogios só para agradar. Ele é sóbrio no comer, embora adore uma bacalhoada e não goste de beber."

Os empregados do Palácio das Mangabeiras têm a mesma opinião: "A família do governador não amola a gente. São atenciosos com todos nós. Até parece que a gente não está num palácio do governo, mas na casa de uma família simples, que não briga entre si nem com os empregados."

Os políticos mais chegados a Aureliano Chaves também dão suas opiniões. Uma delas é sempre repetida: "Ele fala pouco e ouve muito. Ri, mas nunca conta anedotas." Seu assessor Mario Rolla afirma: "Ele não é desse tipo escorregadio e deslizante, formado em sutilezas e malandragens. Seu grau de autenticidade e justiça é tamanho que chega a unir a seu favor seus próprios opositores." Aureliano Chaves provou isso logo no início de seu governo, ao ver ex-udenistas e ex-pessedistas digladiarem-se. Sua primeira iniciativa foi nomear secretários de estado os Deputados Bonifácio José de Andrade e Crispim Jacques Bias Fortes, líderes das duas facções em Barbacena. E a pacificação começou logo, jamais sendo interrompida.

EM diversas declarações anteriores, o futuro vice fez um esboço de suas idéias políticas: "Desgraçado o governante que, ao terminar sua administração, se coloca diante dos seus governados como uma figura à parte. Feliz o governante que é capaz de mergulhar nos anseios de seus governados para sentir-lhes a alma, as suas reivindicações e fazer com que eles participem da obra do governo. Estadista é aquele que tem consciência de que lhe foi dada uma missão cuja fonte de poder é o povo e indaga as coisas para poder decidir."

Aureliano Chaves, um técnico que se fez político, tem idéias precisas sobre a tecnologia política: "O planejamento é um pacto social e não um documento meramente técnico, desligado das referências dinâmicas da sociedade. Não adianta implantar indústrias se elas não vêm para a melhoria da vida de todos. Ao desenvolvimento se deve incorporar a ética, que é a ascensão dos seres humanos. E, em sua mais recente entrevista: "Uma imprensa responsável pode e deve ser livre."

Após sua indicação à vice-presidência, o governador de Minas ficou mais mineiro ainda. Perguntado sobre seu grau de intimidade com o General Figueiredo, se limitou a dizer: "Não costumo emitir em público comentários íntimos sobre outras pessoas. Vou cumprir e honrar como mineiro a missão que me confiou o Presidente Geisel. Mas a direção da política do país não é função do vice e sim do Presidente da República."

Para esquecer a política — ou evitar falar nela —, quando não está em sua função de governador, ele se refugia em sua fazenda de 40 alqueires em Três Pontas, onde há muito o que fazer: ordenhar vacas, fiscalizar os cafezais e pegar na enxada — com seus trabalhadores.